

OS USOS DA ETNOGRAFIA NA PESQUISA EDUCACIONAL¹

Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil”.

Sandra Pereira Tosta- Professora da PUC- Minas

Heloisa Moreira

Renata Buenicentro- Bolsistas do FIP- PUC- Minas

RESUMO

A pesquisa foi realizada entre 2006 e 2007 e analisou em três programas de pós- graduação em Educação no país, UFMG, UFRJ e USP, entre os anos de 1990 e 2005 um conjunto de, nas quais procurou-se compreender se existe e como ocorre a articulação teórica entre Educação e Antropologia na pesquisa de problemas educacionais, tendo como referenciais a clássica em Malinowski e a etnografia contemporânea em Geertz. Como nestes e outros autores, a Etnografia foi entendida como uma dimensão constituinte da ciência antropológica, e não como um conjunto de técnicas qualitativas na aproximação e investigação de problemas sociais. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, tendo como fonte de coleta de dados o portal da CAPES. Foram analisados os resumos .59 dissertações e 26 teses, que declararam ter feito “pesquisa etnográfica”. E analisadas na íntegra, 06 dissertações e 02 teses da UFMG, 01 tese e 01 dissertação da UFRJ e 06 dissertações e 02 teses da USP, selecionadas por intervalos de cinco e três anos respectivamente as quais conseguimos acessar. Os resultados da pesquisa mostraram uma larga receptividade de referenciais da antropologia pela pesquisa em educação, como também evidenciou a realização de investigações que: não mostram claramente como essa transposição foi feita, ausência de base teórica e duvidosa apropriação metodológica. Do conjunto de 85 pesquisas analisadas apenas 02 puderam ser consideradas etnografias teórica e metodologicamente.

Palavras - chave: Antropologia - Etnografia – Pesquisa Educacional

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida no ano de 2006 que procurou identificar, mapear e analisar os modos como o campo da educação vem incorporando a Etnografia na investigação de problemas educacionais. Tomamos como pressuposto que a etnografia é uma dimensão constituinte da ciência antropológica em seu percurso histórico e de demarcação de estatuto teórico, não podendo ser entendida meramente como um conjunto de técnicas qualitativas e empregada descolada de sua origem epistemológica.

Tal proposição não se fez sem razão, pois, já é de conhecimento e vem sendo bastante debatido em fóruns de especialistas, não só da Antropologia, como da Sociologia,

¹ Pesquisa realizada com financiamento da PUC- Minas- Pro- reitoria de Pesquisa e Pós- graduação- Comissão de Pesquisa - FIP

História e da própria Educação, iniciativas que resultam de um “certo modismo” que contagia estudiosos e instituições de pesquisa no uso da etnografia fora de seu campo de origem (VALENTE 1996). Também já é de certo modo comum a divulgação de pesquisas nomeadas de etnográficas em diversas áreas não só das ciências humanas. A da saúde é um exemplo, com estudos sobre corpo, comportamento físico, doença etc. O que indica, à primeira vista, uma larga receptividade e aceitação de referenciais epistemológicos clássicos da Antropologia por outros pesquisadores, como também evidencia um certo “contrabando de idéias” no campo da produção do conhecimento, fato que é salutar se concorrer para as discussões muito em voga sobre inter e transdisciplinaridade.

Por isso mesmo há que se indagar como e porque essa transposição entre campos distintos de saberes está ocorrendo e que resultados se podem aferir. Em termos da própria discussão metodológica, usos, possibilidades, limites e avanços e seus resultados para o conhecimento, bem como as possíveis contribuições para a compreensão dos problemas sociais, especificamente os relativos à educação.

1.1 Educação e antropologia: caminhos cruzados na etnografia

Se a educação se define por um conjunto de especificidades, e, ao mesmo tempo, por elementos que dizem respeito a interface com diversos outros campos na tarefa de dar conta de desvendar e organizar a realidade educacional, pode-se dizer que esta é uma ciência que, por um lado, busca a identificação de elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos; e por outro, e ao mesmo tempo, busca descobrir formas adequadas para atingir esse objetivo.

Historiadores da pesquisa educacional dão conta de que o ano de 1954, teria sido o ponto de viragem que marca a introdução da pesquisa qualitativa na educação, ainda que ela tenha sido reconhecida só mais tarde, já nos anos 70 (TRAVERS, 1978 TYLER, 1976 em BOGDAN, 1994). Situando essas mudanças no contexto histórico mais geral, é possível afirmar, ainda, segundo os autores citados, algumas características já presentes na sociedade norte-americana e européia no século XIX, como resultantes dos processos de urbanização e do impacto da imigração, que deram origem a diversos problemas sociais: saúde pública, bem estar, educação, habitação, entre tantos outros.

A origem da pesquisa qualitativa na educação já se encontra “convincentemente documentada” e remonta, pelos estudos de Robert (1976), ao alemão Franz Boas, considerado o primeiro antropólogo a residir nos contextos de origem de seus sujeitos, ainda que em curtos períodos de tempo. E aos estudos conhecidos como a “Sociologia de Chicago”, sob

forte influência da pesquisa etnográfica de Robert Redfield, que prosseguiram e perseguiram a tradição antropológica do trabalho de campo – o que incidiu principalmente na “observação participante” (1971). A Sociologia de Chicago teve em Albion Small seu fundador, no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago (EUA), em 1892, e tornou-se mundialmente conhecida como “Escola de Chicago”- denominação aplicada a um grupo de docentes e discentes do referido Departamento, que, entre os anos 20 e 30 do século passado, muito contribuiu para o desenvolvimento dos métodos qualitativos no âmbito da sociologia norte- americana.

Para se entender a pesquisa educacional algumas características herdadas desta Escola são importantes: Os sociólogos baseavam - se em dados recolhidos em primeira mão, introduzindo novos elementos na investigação e novas técnicas não afetas a investigação empírica tradicional. A ênfase na vida urbana centrada nos célebres trabalhos sobre comunidades (Becker, 1970), em que se buscava, na interseção entre o contexto social e a biografia de indivíduos ou de grupos, entender determinados comportamentos considerando-se a situação no qual surgiram; A abordagem interacionista, enfatizando a natureza social e interativa da realidade, a exemplo de Park que, *“na sua introdução à metodologia de um estudo sobre as relações raciais entre orientais e ocidentais na Califórnia, sugeriu que ele era importante pelo reconhecimento que fazia de que todas as ‘ opiniões públicas ou privadas são um produto social”* (BOGARDUS, 1926 em BOGDAN, 1994.)

No campo da Educação essas influências não ocorreram ao mesmo tempo que na Sociologia, em que já se observava o uso da pesquisa qualitativa na investigação de problemas educacionais. Um dos trabalhos mais importante é o de Becker, no Departamento de Sociologia de Chicago, que entrevistou professores objetivando compreender com maior clareza características de suas carreiras e perspectivas relativas à atividade docente. Outro trabalho a ser destacado é um estudo de educação médica – *Boys in White* (BECKER et al., 1961), que traçava um retrato da cultura estudantil médica. Por volta dos anos 60 investigadores educacionais começam a manifestar preocupação e interesse acadêmico pela pesquisa qualitativa com o apoio de financiamentos públicos. Em 1968 já existia um grupo mais formalizado, especificamente nas abordagens antropológicas aplicadas á educação, materializado no Council on Anthropology (BOGDAN ,1994). Período que é emblemático de mudanças sociais, movimentos de minorias, reivindicações de políticas de identidade e a atenção dos educadores não pode desviar-se dessa conjuntura. As investigações começam a se voltar, então, para a população pobre buscando - se saber como ocorria e o que significava a experiência escolar para suas crianças, jovens e adultos. Destaca-se o *Project True*,

desenvolvido em 1967, no Hunter College, cujo objetivo central era conhecer e compreender os diferentes aspectos da vida nas salas de aula urbanas. Neste empreendimento, os pesquisadores - sociólogos e antropólogos, utilizaram de entrevistas não diretivas envolvendo membros da escola e da comunidade para avaliar os processos de integração escola- comunidade, entrevistas em profundidade para analisar as experiências de novos professores em escolas urbanas e a observação participante para avaliar experiências individuais em sala de aula. Essa audiência significativa da pesquisa qualitativa em educação cresce nos anos posteriores e algumas razões podem explicar esse fato: os movimentos sociais da época indicavam claramente que pouco se sabia sobre como alunos, professores e famílias experimentavam a escola e significavam essa experiência; os métodos qualitativos ganham popularidade devido ao reconhecimento que emprestavam às perspectivas de lutas dos grupos desfavorecidos e excluídos social e culturalmente; o debate na academia sinalizava por mudanças na Antropologia e na Sociologia, enquanto campos científicos; a primeira voltava-se para o estudo das populações urbanas na sua própria cultura, frente a um certo “esgotamento” de pesquisas junto aos grupos considerados mais simples, e a Sociologia começa a reangular suas reflexões para as teses fenomenologistas, após cerca de vinte anos de predomínio das teorias estrutural- funcional.

Neste período, abordagens do cotidiano, das diferenças culturais e desigualdades sociais serão largamente tematizadas com relação á educação e aos processos de escolarização. Já nos anos de 1970, a explosão da diversidade social como fenômeno de reconhecida relevância sociopolítica e cultural apontaria de modo mais contundente para um certo esgotamento dos estudos quantitativos. Finalmente, não se pode deixar de anotar a discussão da vertente social *pós- moderna* que acena para investigações mais experimentais e abertas- provisórias, na qual se põe em debate o conceito de *verdade* e se afirma que todo conhecimento o é, na adoção de *uma* perspectiva ou de escolhas interessadas, rompendo de vez com a premissa positivista da neutralidade científica e de um certo projeto de ciência moderna (SOUZA SANTOS, 1989).

1.2 Educação e Pesquisa Qualitativa no Brasil

No Brasil, mesmo que tardiamente, a pesquisa qualitativa encontra forte receptividade por parte dos cientistas e, já na década de 1980, observam-se indicadores de um movimento que vai gradativamente interpelando a predominância dos métodos de mensuração na pesquisa educacional, que, situada no campo das ciências humanas, não poderia passar imune ao desenvolvimento e inflexões ocorridas nesta área. Assim, o

fenômeno educacional foi investigado por longo tempo na perspectiva das análises das ciências físicas e naturais, buscando-se isolar, como nestas, variáveis que pudessem dizer da composição do fenômeno. Dito de outro modo acreditava-se que a mensuração quantitativa de variáveis básicas do fenômeno educativo seria suficiente para a explicação de sua totalidade. Com o desenvolvimento de estudos em campos afins e no próprio campo educacional, foi-se constatando que poucos são os problemas que poderiam ser esgotados pela pesquisa quantitativa, dado que, em sua maior parte, pensar sobre a educação requer entendê-la como fenômeno dinâmico, complexo e mutável, além de datado historicamente. É evidente que não se tira o valor da pesquisa quantitativa e os indicadores estatísticos sobre a sociedade estão aí amplamente divulgados e são absolutamente indispensáveis para a compreensão dos problemas da educação e, inclusive, há que se reconhece-los, sempre, como fontes geradoras de questões a serem investigados e aprofundados.

Enquanto procedimento predominante na pesquisa educacional até meados dos anos de 1980, a orientação quantitativa começa a gerar um certo incômodo em estudiosos com os métodos e com os dados obtidos. Por exemplo, os recorrentes resultados sobre déficit de aprendizagem, evasão e repetência junto a determinados setores da população, além de serem evidenciados, necessitavam de esclarecimentos que a pesquisa quantitativa, pelas suas características, não poderia responder. Sobre a abordagem do tipo experimental, Giroux emitiu o seguinte parecer: a pesquisa e seus resultados deveriam ser vistos não somente *pelos “princípios que governam as questões que propõe, mas também pelos temas que ignora e pelas questões que não propõe”* (GIROUX, 1983, p. 63).

Era necessário, então, que se articulassem novas propostas de abordagem com alternativas metodológicas também distintas para se superar, senão no todo, pelo menos parcialmente, limitações percebidas na pesquisa quantitativa. Deste contexto de dúvidas e inquietações vai se adotando na investigação educacional pesquisas do tipo participantes, pesquisa - ação, estudo de caso e a pesquisa do tipo etnográfica (ANDRÉ e LUDKE, 1986). Esta última, trazendo em seu nome, um eufemismo que, na verdade, não esclarece e nem realiza efetivamente pressupostos teórico metodológicos da etnografia. Fato é que, o que se constata no campo da pesquisa educacional, desde meados da penúltima década do final do século passado, é uma certa profusão de investigações que revelam, senão a conjunção de métodos quantitativos e qualitativos, posto que este é um debate mais recente, a predominância da pesquisa qualitativa. Basta percorrer as centenas de trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPED, nos anos de 1990 em diante, para se ter uma idéia da larga

apropriação de métodos como a História Oral, as Representações Sociais, a Etnometodologia, além da Etnografia, ancorados nos estudos de caso.

1.3 Etnografia: a Antropologia em ato

Os estudos de Malinowski e Geertz, evidenciam que fazer etnografia é observar e interpretar culturas, e esse empreendimento exige observação ampla e prolongada da cultura e da vida social que não é dada: crenças, sentimentos, normas legais e costumeiras. E fazer antropologia não é apenas descrever mundo, seja ele trobriandês ou balinês, ou qualquer outro; é uma questão de método e de dar conta da totalidade da cultura, pois, é graças a esta apreensão, que se apreende seu sentido para os pesquisados. (TOSTA, 2005). Por tudo que a antropologia já elaborou, não é difícil deduzir que fazer etnografia seja na sua versão clássica, seja na versão moderna, demanda algumas condições que se tornam imprescindíveis à pesquisa de campo. A primeira delas é de ordem teórica, na medida em que fazer etnografia exige não apenas o treino na pesquisa qualitativa, mas o entendimento conceitual implicado neste tipo de pesquisa. A segunda condição é o tempo prolongado de inserção do pesquisador no campo - o que requer não apenas disponibilidade do pesquisador, como a existência de um tempo longo para a investigação pouco permitido ou possível, considerando, entre outros fatores, as exigências da CAPES para titulação nos programas de pós-graduação.

Portanto, é desta perspectiva teórica e metodológica que buscamos, nessa investigação, inventariar, descrever e analisar o que se faz na pesquisa educacional quando se nomeia a etnografia como uso no processo da investigação. Ou dito de outro modo, o que se faz com a Etnografia na pesquisa educacional.

Assim, a eficiência da análise proposta neste projeto só poderia ocorrer após a passagem por, pelo menos, três etapas que dizem respeito aos modos como se construiu o problema de pesquisa e a metodologia foi selecionada. Pois,

1. Levar a sério a proposição na pesquisa etnográfica a não se pode limitar a descrição de fenômenos (conhecimento da forma), mas aos modos como ele é vivido e representado pelos sujeitos envolvidos no processo;
2. A busca de informação, de dados, qualitativos ou quantitativos, não importa, deve ser permanentemente monitorada pelo referencial teórico que incorpora questões da “cultura” e do “cotidiano”. Neste caso, a passagem por um rigoroso balanço crítico da produção de referência é fundamental;
3. É necessário que tais conceitos, como tantos outros já conhecidos enquanto categorias de análise na Antropologia - tradição, civilização, identidade, alteridade,

diversidade, diferença e já assumidos teoricamente se manifestem na prática cotidiana da pesquisa. O que significa não perder de vista o referencial teórico constituído (BOURDIEU, 1988, 1999).

Foram selecionados, então, três programas de pós-graduação em educação no Brasil e mapeamos as dissertações e teses, apresentadas entre os anos de 1990 e 2005 inclusive. Os programas foram escolhidos por apresentarem em sua área de concentração ou linhas de pesquisa a clara preocupação com a problemática da relação entre culturas/educação/ escola.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Resultados do levantamento junto ao Portal da CAPES

A metodologia de pesquisa documental foi realizada através da leitura dos resumos encontrados junto ao Portal da CAPES, elaboração de uma ficha de leitura e análise dos trabalhos selecionados para leitura na íntegra. Desse modo, além de trazer os dados bibliográficos de referência, conforme apostos na CAPES, transcrevemos os resumos das dissertações e teses e o título dos mesmos. Na leitura integral das pesquisas, também procuramos identificar e transcrever qual era o problema/ tema definido para a investigação, a relação estabelecida entre esse problema e a cultura, os principais aportes teóricos de sustentação da pesquisa, especialmente os autores em que o pesquisador se referenciou para discutir a questão da cultura e a metodologia, identificando citações diretas nas referidas teses e dissertações.

A busca tomou como descritores: etnografia, antropologia, educação, escola, pesquisa qualitativa, estudos culturais. O levantamento indicou um número significativo de pesquisas denominadas como “etnográficas” dentre os programas pesquisados. Encontramos até o final desta investigação (dezembro de 2006), um total de 59 dissertações e 26 teses. As pesquisas foram catalogadas de acordo com as instituições, programa, ano de conclusão da mesma, área de conhecimento ou linha de pesquisa, denominação dada à metodologia, autor e orientador. Após a conclusão dessa primeira etapa, foram selecionadas teses e dissertações nos três programas para leitura na íntegra dos textos. Os critérios previstos seriam: a cada intervalo de quatro anos, selecionaríamos uma tese de doutorado e a cada dois anos, selecionaríamos dissertações de mestrado. Posto que são esses os prazos previstos para conclusão dos trabalhos pela própria CAPES.

DISSERTAÇÕES/UFMG (06)		
ANO	TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR (A)
1991	Potencial educativo da organização do trabalho escolar na formação do professor das series iniciais do primeiro grau	Terezinha Maria Cardoso

1992	As disciplinas dos indisciplinados – códigos de normas e valores de jovens favelados numa área industrial.	Suzana Lanna Burnier Coelho
1999	A televisão sob o olhar da criança que brinca: a presença da televisão nas brincadeiras de crianças de uma creche comunitária	Rogério Correia da Silva
2002	Um estudo sobre um processo de construção do letramento na educação de jovens e adultos	Marina Lúcia De Carvalho Pereira
2003	Quando a renda passa pela escola: as fronteiras entre a economia e a educação no programa bolsa-escola	Breyner Ricardo De Oliveira
2004	Educação física no ensino médio: intervenção pedagógica de um professor em uma escola estadual de Minas Gerais	Guilherme Carvalho Franco da Silveira

TESES/UFG

ANO	TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR (A)
2004	Cara professora: prática de escrita de um grupo de docente	Maria Emília Lins e Silva

DISSERTAÇÕES/UFRJ

ANO	TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR (A)
2000	A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica	Ana Paula Ribeiro Bastos Arbache

TESES/UFRJ

ANO	TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR (A)
2002	Avaliação na escola de ensino fundamental: Continuidade de padrões e tendências	Zacarias Jaegger Garna

DISSERTAÇÕES/USP

ANO	TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR (A)
1996	Estágio: Da prática pedagógica cotidiana à prática pensada – um estudo exploratório	Nilce da Silva Ramirez
1998	Espaços lúdicos ao ar livre na educação infantil	Isabel Porto Figueira
2001	Imagens sociais e culturais em brincadeiras de construção na educação infantil.	Claudia Ximenez Alves Martinez Veiga
2002	Embuste? Ficção? Utopia? O ensino de língua inglesa na escola publica: mistérios que o complicam, caminhos que viabilizam.	Ana Lúcia de Mello Lemos Carriel

TESES /USP

ANO	TÍTULO DA PESQUISA	AUTOR (A)
1998	Professor, professora: um olhar sobre práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental.	Marília Pinto de Carvalho
2001	O que se pode esperar de uma escola de qualidade? As expectativas dos pais dos alunos matriculados na 1ª. Série do ensino fundamental numa escola da rede	Denise Medeiros Furtado Romero
2004	Meninas e meninos no recreio: gênero, sociabilidade e conflito.	Tânia Mara Cruz

Em uma leitura preliminar desse conjunto de dados coletados um primeiro aspecto a ser destacado é a diversidade de definições da metodologia atribuída pelos autores das pesquisas, conforme demonstrado nos quadros abaixo:

--

DENOMINAÇÃO DAS TESES	
Etnografia	6
Tipo etnográfico	3
Cunho etnográfico	3
Característica etnográfica aliada à etnologia	1
Moldes etnográficos e outros complementares	1
Perspectiva etnográfica	1
Características de autobiografia e da etnografia	1
Pesquisa e / estudo etnográfico	4
Abordagem etnográfica	2
Uso instrumental da etnografia	2
Cave de enfoque etnográfico	1
Descrição/ Narração etnográfica	1
TOTAL	26

Fonte: Pesquisa no portal da CAPES

DENOMINAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES	
Pesquisa / estudo / trabalho e investigação etnográfica	18
Cunho etnográfico	3
Caráter etnográfico	1
Tipo etnográfico	7
Estudo de caso com abordagem etnográfica	4
Estudo de caso com orientação ou perspectiva etnográfica	3
Estudo de caso de cunho etnográfico	1
Abordagem comparativa etnográfica	1
Estudo de caso da pesquisa etnográfica e da coleta de depoimentos	1
Não informou	1
Intervenção etnográfica	1
Observação etnográfica	3
Qualitativa e parte etnográfica	1
Estudos de escala reduzida- micro- história e etnografia	1
Levantamento etnográfico	1
Abordagem etnográfica	3
Enfoque etnográfico	1
Busca a compreensão da etnografia para a etnologia	1
Referencial etnográfico	1
Perfil etnográfico	1
Momentos etnográficos	2
Modelo qualitativo (etnográfico)	1
Perspectiva etnográfica	2
TOTAL	59

Fonte: pesquisa no Portal da CAPES

De acordo com os quadros apresentados, o Programa de pós-graduação da USP é o que mais diversifica as denominações atribuídas às metodologias usadas nas pesquisas. Observando o quadro geral das 15 investigações lidas e analisadas na íntegra, pelo menos oito delas se referenciam a duas professoras e autoras da publicação de dois textos. Das 15 pesquisas analisados na íntegra, 8 se baseiam em duas autoras especificamente (ANDRÉ e LUDKE,1986) para justificar a escolha da metodologia. E a análise dessas 8 investigações nos

permite inferir que a chamada “prática etnográfica” na pesquisa educacional, conforme apresentado pelas autoras acima citadas, abriga sentidos alargados e *imprecisos*. Imprecisão essa que pode ser identificada na leitura atenta feita das referidas obras e que vem sendo reproduzidas nas pesquisas. Sugerindo, por exemplo, essa variação de nomes que pouco ou quase nada dizem a respeito da metodologia empregada nas pesquisas.

Todavia e de modo controverso, André (1997) reconhece que, na década de 1980, a Etnografia ganhou muita força nos estudos educacionais, fato que ela classificou como “quase que um modismo”. Porém esse modismo não só permanece como é inspirado na própria autora.

Exemplo dessa apropriação por parte de pesquisadores da educação foi encontrado em nossa pesquisa:

Os resultados indicam que os espaços lúdicos ao ar livre das EMEIs apresentam brinquedos de concepção obsoleta com problemas de manutenção; as professoras, via de regra, restringem sua participação a aspectos de segurança e disciplina, embora valorizem a brincadeira para o desenvolvimento social, motor e afetivo; a apropriação do espaço pelas crianças mostra a busca de desafios e a integração da motricidade ao imaginário e as interações sociais.

Ao final, O trabalho propõe intervenções praticas a fim de enriquecer a brincadeira infantil no espaço do parque da escolas de educação infantil, acrescentando recursos de baixo custo e transformando limitações e recursos virtuais em recursos reais. (FIGUEIRAS, 1998, pg. 01).

Daí ser possível compreender, porque muitos pesquisadores, ao elegerem Etnografia como metodologias de trabalho, acabam trilhando por caminhos que não o da Etnografia propriamente. Pois, na falta de referências consistentes e adequadas ficam sem o suporte necessário para fazerem a devida ²transposição de conhecimento gerados em outras áreas para a educação. Com isso, várias pesquisas tendem a demonstrar que a etnografia na educação tem sido entendida por parte de muitos pesquisadores, como um conjunto de técnicas qualitativas que melhor atende a aproximação da realidade observada. E tão somente isso.

3 LENDO AS PESQUISAS

De acordo com o exposto identificamos elementos com os quais a etnografia foi tratada nas pesquisas, tais como:

Etnografia como técnica para se aproximar da realidade e não descrever interpretar e compreender, ou buscar as lógicas impressas na cultura do outro nos modos como esse outro pensa na cultura; [...], *uma vez que, parafraseando André (1995:32), tal estudo me permitiria*

² Em relação a essa “transposição” outras pesquisas indicam a procedimentos semelhantes quando se toma a história oral e as representações sociais para estudos na área da educação.

retratar situações vivas do dia – a – dia da educação física escolar, sem prejuízo da compreensão de sua complexidade e de sua dinâmica natural. (SILVEIRA, 2004 p. 12).

Em algumas pesquisas os autores, além de influenciarem no ambiente pesquisado, ainda propuseram intervenções para a modificação do mesmo. Como estas:

Ao final, O trabalho propõe intervenções praticas a fim de enriquecer a brincadeira infantil no espaço do parque das escolas de educação infantil, acrescentando recursos de baixo custo e transformando limitações e recursos virtuais em recursos reais. (FIGUEIRAS, 1998, pg. 01).

Trata-se de um trabalho desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica e de dois estudos de campo realizados numa escola publica do Ensino Médio que objetivou investigar duas salas de aula de língua inglesa procurando identificar os fatores que complicam o ensino e a aprendizagem do idioma. Através de um estudo etnográfico e de uma proposta de colaborativa com a professora, foram experimentadas estratégias específicas visando a uma movimentação no sentido da transformação de representações da docente, de seus alunos e, ainda que imprevista, da pesquisadora. (CARRIEL, 2002, pág.10)

Ausência de aprofundamento teórico do que seja Etnografia como parte que constitui e institui empiricamente a Antropologia;

Para melhor compreensão destes enfoques, recorri á literatura pedagógica e nela escolhi autores que considero representam significativa contribuição ás questões que pretendo pesquisar, Tais como Hall e Canclini, segundo Canclini (1999 a, b), aquela visão unificada que tanto as etnografias clássicas, quanto os museus nacionais organizados por antropólogos consagram, é pouco capaz de captar situações de interculturalidade. (ARBACHE, 2004. p.10 – 11)

Com exceção de uma das pesquisas, encontramos a falta de compreensão da própria Antropologia, do antropólogo e suas proposições em termos históricos do que fazem, como fazem e para que fazem.

Quanto á dimensão ética na pesquisa e no fazer antropológico especificamente; apenas um dos trabalhos analisados contemplava essas dimensões como:

Ter cuidado e sigilo e privacidade tanto entre crianças quanto entre estas e os adultos; solicitar permissão à escola; esclarecer ao conjunto dos sujeitos sobre a minha finalidade de pesquisa; evitar ir além do que os sujeitos de pesquisa estão dispostos a discutir, já que as questões de gênero envolvem valores da vida privada de modo mais característico; e por fim fornecer o retorno dos dados pesquisados. (CARVALHO, 2004)

[...] Crianças como objetos de pesquisa, a segunda a concebe como crianças sujeitos de pesquisa, a terceira como atores sociais; e ainda uma recente abordagem derivada desta última que vê as crianças como participantes coopesquisadoras (CARVALHO, 2004).

Os registros são fragmentários e desarticulados de um referencial teórico que pretendesse realizar Etnografia;

A abordagem dos conteúdos organizada por Pedro no jogo de vôlei com as regras originais, na discussão dos aspectos fisiológicos da atividade física e da caminhada, a exemplo da pesquisa do jogos e brincadeiras, do jogo e da encenação do futebol, realizados no primeiro trimestre, reforçam a idéia de Valter Bracht de que “diferentemente do saber conceitual, o saber de que trata a Educação Física (e a Educação Artística) encerra uma ambigüidade ou um duplo caráter a) Ser um saber que traduz num saber fazer, num realizar corporal; b) um saber sobre este realizar corporal. (BRACHT, 1997:18) (grifo meu) (SILVEIRA, 2004, p.96).

Ausência de discussões teóricas e de diálogo com a própria etnografia; em outros termos, ausência do necessário e permanente diálogo entre teoria e empiria.

[...] a despeito da relevância desses enfoques, a abordagem que será aqui privilegiada tem caráter sociológico. [...] e me pareceu mais promissor para compreensão do que me diziam e faziam o professor e as professoras primárias que entrevistei e observei. (CARVALHO, 1998, p. 28)

Ausência de requisitos mínimos e imprescindíveis para interpretar culturas: estada “prolongada” no campo, observação participante como técnica privilegiada da Etnografia, dar voz aos sujeitos – polissemia, descrição densa, a interpretação das culturas locais pelos diversos códigos disponíveis, tensões e contradições, desconstrução do real para reconstruí-lo como uma sistematização do antropólogo, na dinâmica do “por dentro” e “de perto”.

Foram ao todo 95 horas de observações na escola, entre as quais 45 em sala de aula, e 16 horas de entrevistas gravadas e transcritas. As observações duraram até abril de 1997. Em geral eu comparecia uma ou duas vezes por semana às aulas de dois professores alternadamente, ao longo de dois meses, ficando em classe por períodos em torno de uma hora e meia a duas horas (CARVALHO, 1998, Pág. 121).

[...] as observações foram interrompidas para que eu tivesse tempo de fazer as primeiras análises dos dados produzidos nos primeiros cinco meses de pesquisa de campo. Os acontecimentos desse período, em que não realizei observações foram reconstruídos nas conversas com Pedro quando reiniciei as observações em Outubro. (SILVEIRA, 2004.p.21)

A deliberação da equipe de pesquisadoras em emitir pareceres somente ao final da Ficha de Leitura foi coerente com propósitos de compreender que usos são feitos da Etnografia na pesquisa educacional e, ao se fazer tal uso, como se compreende e se explicita um empreendimento intelectual. Assim sendo, foi muito importante trazer para o leitor a transcrição direta de partes dos trabalhos lidos, procurando, na análise, não perder de vista o texto integral. Isto é, ao registrar falas, citações, proposições, objetivos, autores e resultados, tentamos, ao máximo não descola - los do contexto geral e de desenvolvimento das pesquisas analisadas.

2.4 CONCLUSÕES GERAIS:

Ao final da pesquisa foi possível tecer algumas conclusões para responder aos objetivos de nossa investigação. Constatamos que a Etnografia na área educacional ainda se apresenta bastante problemática. Do total de tese e dissertações analisadas, apenas três trabalhos atenderam aos critérios necessários para uma Etnografia. A maioria do corpus analisado evidencia a falta de entendimento por parte dos autores quanto aos princípios básicos da metodologia em questão. Em vários trabalhos sequer foi identificado a problemática central e fundamental numa pesquisa Etnográfica: a discussão da cultura. Do mesmo modo, o cotidiano como tempo e espaço imprescindível à realização da Etnografia, é apresentado meramente como uma descrição de acontecimentos e falas. Outras pesquisas revelam análises realizadas em curtos períodos de tempo que não garantem ao pesquisador a tão necessária inserção na realidade pesquisada, de maneira a apreender os significados de cada ação ali desenvolvida.

Outro aspecto identificado foi o “egocentrismo científico”, ou a auto suficiência da maioria dos pesquisadores. Uma vez que não recorreram às fontes antropológicas clássicas e contemporâneas para fundamentarem suas defesas. Sobre esse fato, é oportuno recorrer à escrita de uma pesquisa em que uma autora “escora-se” em Nestor Garcia Canclini, para criticar o fazer antropológico.

Para melhor compreensão destes enfoques, recorri à literatura pedagógica e nela escolhi autores que considero representam significativa contribuição às questões que pretendo pesquisar. Tais como Hall e Canclini [...] segundo Canclini (1999 a, b), aquela visão unificada que tanto as etnografias clássicas, quanto os museus nacionais organizados por antropólogos consagram, é pouco capaz de captar situações de interculturalidade. (ARBACHE, 2004. p.10 – 11)

Finalmente, podemos afirmar que os ensaios de interdisciplinaridade revelam tensões permanentes que não podem ser desconsideradas, diluídas. Tensões na interface educação e antropologia, educação e suas implicações histórico- conceituais; que trazem como consequência uma apropriação que destitui a Etnografia de sua constituição científica, de suas categorias que fundamentam seu fazer. O resultado é uma articulação teórica em que a educação pouco se desloca de seu campo e faz uso instrumental da antropologia. E técnicas que não carregam teorias, esquecem-nas.

REFERENCIAS:

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3 ed. São Paulo:

Hucitec, 1997.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre et al. **El oficio de sociólogo.** 11^a. Ed. Madrid, Espanha: Siglo Vientiuno, 1988.

BOURDIEU, Pierre **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

GIROUX, H. **Pedagogia radical.** Subsídios. São Paulo: Cortez, 1983.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. **A. pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia.** São Paulo: USP, 1996, v. 39, nº 1

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989

TOSTA, Sandra de F. Pereira. Projeto de Pesquisa **Os usos da Etnografia na Pesquisa Educacional.** Belo Horizonte: FIP/PUC- Minas, 2005.

VALENTE, Ana Lúcia. **Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional.** *Pro-Posições.* Vol. 7, n. 2 [20], 54-64, julho de 1996.